

Carga aérea é com a VASP. Chega bem. Chega rápido

Plano-Piloto de Jacarepaguá faz 3 anos sem sair do papel

O Plano-Piloto da Baixada de Jacarepaguá continua intacto, mas não saiu do papel. Todos esperavam que, após três anos de vigência do plano de Lúcio Costa, muitos pontos do mapa daquela região de 82 quilômetros quadrados de terras urbanizáveis (toda a Zona Sul tem apenas 30 quilômetros quadrados) mostrassem as primeiras formações ordenadas e disciplinadas de cimento e tijolos.

Em junho de 1969, quando o plano de Lúcio Costa foi aprovado e criou-se um grupo de trabalho para detalhá-lo, tudo era movimento na região. O Estado fazia obras, os empresários projetavam e muitos terrenos eram vendidos. Hoje, a paisagem continua a mesma e só o clima mudou. Hoje, caminhões, operários e construções estão ausentes; o empresário aguarda, o comprador aguarda também, adiando o sonho de morar naquele agreste, entre as lagoas e os 20 quilômetros de praias oceânicas, não poluídas.

E o que todos aguardam é a infra-estrutura chegar: água,

luz, esgotos, gás, telefones, aruamentos.

E já houve até casos graves de desistência: o Governo federal, por exemplo, pretendia erguer na Baixada o maior centro tecnológico e científico da América do Sul, Cr\$ 100 milhões de custo, milhares de técnicos, sendo 2 mil em nível de pós-graduação, "os cérebros do país", mas mudou de idéia. Vai construí-lo na Cidade Universitária, ilha do Fundão, apesar do barulho do aeroporto supersônico e do tráfego caótico da Av. Brasil. A Baixada só perdeu por falta de infra-estrutura.

O Grupo de Trabalho, porém, não desanima. Lúcio Costa acha que a ocupação urbana vai explodir a qualquer momento; os arquitetos e urbanistas dizem que o Rio não terá opção, senão a de ocupar a Baixada, fugindo do caos do Centro; os engenheiros do GT são unânimes em estimar que o Governo do Estado, com uma pequena concentração de esforços e coordenação de trabalho, poderá deixar a Baixada em condições de explodir a partir de 1975.

O Grupo de Trabalho da Baixada de Jacarepaguá (GTBJ), que iniciou o detalhamento do plano Lúcio Costa há precisamente três anos, reconhece que esse trabalho já poderia estar concluído se o GTBJ tivesse mais autonomia. O Grupo vive apenas da boa vontade do Departamento de Estradas de Rodagem, que lhe dá local de trabalho na própria Baixada, na Via 11, fornece-lhe engenheiros, arquitetos, funcionários, material de escritório e tudo o mais.

— Só que chegamos — explica o arquiteto Eitel Nogueira de Sá — ao ponto do detalhamento rua por rua, trabalhoso, minucioso, apesar de simples. Para concluí-lo, nem com o DER fornecendo-nos todo o seu pessoal, poderíamos entregá-lo rapidamente. É um trabalho para uma firma especializada, que poderia concluí-lo em apenas quatro meses.

— E sem este detalhamento, rua por rua, isto é em escalas de 1:2000; 1:1000 ou até 1:500, é difícil e muito demorado aprovarmos projetos de construção e de loteamentos apresentados pela iniciativa privada.

— Para tomar medidas deste tipo: contratação de firmas para trabalhos específicos e outras providências triviais num trabalho de planejamento, é que o GTBJ precisa ser transformado numa superintendência, com verba disponível e autonomia para executar ou contratar serviços indispensáveis. O GTBJ é apenas um órgão

normativo, mas chegou a hora de executar. Um plano bonito e bem detalhado, apenas, não basta.

Infra-estrutura

A viabilidade da execução do plano depende realmente de o Estado dotar de infra-estrutura a Baixada de Jacarepaguá. Sem ela, ninguém construirá nada ali. E, se construir, não mora.

O arquiteto Eitel Nogueira de Sá acha que o problema da infra-estrutura está bem encaminhado, e anuncia:

— Semana que vem, a Cetel vai colocar telefones aqui. Isso significa que daqui do GTBJ, na Via 11 (Av. Alvorada) poderemos nos comunicar com qualquer ponto do país e do mundo. É a infra-estrutura chegando.

Mas, e a água, luz e esgotos, principalmente?

— Estão vindo também — responde o arquiteto, que vai por etapas:

— A Cedag prometeu abastecer toda a Baixada de Jacarepaguá dentro de três anos, no máximo. E que obteve empréstimo do BID para esta e outras obras do seu Plano Diretor. O projeto das linhas adutoras que abastecerão de água a Baixada está praticamente pronto. Água, portanto, não será mais problema.

— Quanto aos esgotos, o Departamento de Saneamento já veio ao GTBJ mostrar seus planos. Futuramente, haverá um emissário submarino na altura da praia do Pontal, interligado a um interceptador ocea-

nico que atravessará toda a Barra da Tijuca. Enquanto essa obra não for executada, e está prevista para o final do século, a Baixada de Jacarepaguá, tal como ocorre com outras regiões da Guanabara, pode viver de fossas sépticas. São Paulo tem mais da metade da cidade com esse sistema, e a cidade de Tóquio, Japão, também não dispõe de rede de esgotos.

— Há ainda o recurso das estações de tratamento compactas, baratas, simples de instalar, que serviriam a grupos residenciais e comerciais da Baixada. Esgoto, portanto, basta, inicialmente, construir as linhas troncos através das principais vias da Baixada, obra rápida, que a Sursan poderá incluir num dos próximos orçamentos.

— Telefones, também não há problema. A Cetel está investindo na região, juntamente com a área rural do Estado e muito breve a rede telefônica estará estendida na Baixada.

Luz atrasou

Houve problemas com a Light — explica o arquiteto Eitel Nogueira de Sá. A Companhia considerou, a princípio, impraticável economicamente a colocação de rede subterrânea de energia elétrica. Queria instalar a rede aérea, um terço mais barata, sob a alegação de que a falta de consumo, principalmente nos primeiros anos, não justificava gastos com um sistema mais sofisticado.

— O GTBJ examinou a questão, mas o professor Lúcio Costa foi taxativo:

uma cidade que se preza não usa rede aérea, que mais parece uma teia de aranha.

Foram mantidos contatos com a CEE, companhia do Estado, que, em último caso poderia financiar a colocação da rede subterrânea e depois usufruir da renda, mas, pltimamente, técnicos da Light voltaram a manter contato com o GTBJ e a companhia está propensa a instalar a rede subterrânea, reconsiderando que a longo prazo é uma aplicação mais econômica, por ser de manutenção simples, ao contrário da rede elétrica, que é de manutenção cara, na medida em que vai envelhecendo.

Comissão

Além dessas notícias, é promissora a comissão que está funcionando junto ao Grupo de Trabalho, com representantes de todos os órgãos de saneamento e meio-ambiente do Estado. Esta comissão se reúne quinzenalmente para tratar justamente dos aspectos da infra-estrutura da Baixada de Jacarepaguá.

Tem engenheiros do DER, Departamento de Rios e Canais, Departamento de Vias Urbanas, Departamento de Saneamento, DLU, Instituto de Engenharia Sanitária, Secretaria de Serviços Públicos, Companhia de Energia Elétrica, Cedag, Cetel e Instituto de Engenharia Sanitária. Os problemas da região estão, através desse grupo, sendo estudados de comum acordo entre todos os principais organismos estaduais, restan-

do apenas uma coordenação geral o que tem que ser iniciativa do Governo.

Para o professor Lúcio Costa, autor do Plano Piloto para a Baixada, o trabalho do Grupo conservou inalterada a rota inicialmente estabelecida continuando a agir sob o patrocínio do DER.

Acrescenta o professor Lúcio Costa que essa continuidade de ação mostra claramente que a administração do Estado da Guanabara já adquiriu consciência da significação e alcance do plano aprovado. Plano — continua — que visou apenas a ordenação da ocupação da área, estabelecendo para essa efeito determinados critérios de implantação, objetivando a criação ali, dentro de 50 anos, de um novo centro metropolitano e, num período menos remoto, de dois centros locais, um na Barra, anteriormente projetado e agora iniciado, e outro no Recreio, além de edifícios dispostos em núcleos devidamente afastados.

— Trata-se de um processo aparentemente lento, dada a extensão e as peculiaridades da área, mas que de um momento para outro pode explodir, porque está a depender apenas da efetiva disposição do Governo em criar a infra-estrutura necessária. Como é fácil compreender — conclui o professor — a tarefa exige articulação dos vários serviços e ação continuada. É no sentido desse entrosamento com os técnicos responsáveis pelos vários setores interessados que o Grupo de Trabalho se empenha.